

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA

Fernanda Iracema Moura Arnaudⁱ
Luciete Furtado de Almeidaⁱⁱ
Rita de Cássia Barbosa dos Santosⁱⁱⁱ

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o processo de precarização do trabalho na Amazônia. Compreende-se tal fenômeno enquanto uma expressão da “questão social”, no contexto de ataque ao trabalho. Assim, interpreta-se suas múltiplas determinações, à luz dos pressupostos da teoria social crítica. Realizou-se uma revisão bibliográfica e documental, bem como a análise de indicadores sociais da região Amazônica, os quais expressam as desigualdades sociais.

Palavras-chave: Precarização do trabalho; Amazônia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the process of precarious work in the Amazon. This phenomenon is understood as an expression of the “social question”, thus it must be interpreted from its multiple determinations, in the light of the assumptions of the critique of Marxian political economy. A bibliographical and documentary review was carried out, as well as the analysis of social indicators in the Amazon region, which express social inequalities.

Keywords: Precariousness of work; Amazon.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de reflexões e análises efetuadas sobre a precarização do trabalho, característica indelével do capitalismo, que, em sua busca incessante pelo lucro, cria e renova mecanismos e estratégias voltados à sua reprodução sempre em escala ampliada, assumindo, assim, particularidades, a depender do estágio de desenvolvimento do seu processo de acumulação, e da inserção de cada país ou região no circuito produtivo internacional.

Nesse sentido, à luz da crítica da economia política Marxiana, realiza-se uma revisão bibliográfica e documental sobre a temática, centrando sua ótica de análise

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

no “ontem e no hoje”, na realidade amazônica, espaço de produção e reprodução social de suas autoras. Trata-se, portanto, de uma elaboração de cunho político (MARX, 2008), porque engajada com as necessárias lutas voltadas à construção de uma nova sociabilidade, contrárias aos ditames destrutivos e aviltantes do capital em relação aos trabalhadores.

Primeiramente, destaca-se a relação intrínseca entre reprodução do capital e precarização do trabalho, uma vez que “produzir mais-valor é a lei absoluta” desse modo de produção (MARX, 1994, p. 719), cujo processo de acumulação revela “a influência que o aumento do capital tem sobre a sorte da classe trabalhadora” (IDEM, p. 742), produzindo, dialeticamente, de um lado, a riqueza social, apropriada privadamente, e, de outro, uma massa de miseráveis, subsumida à lógica de produção do valor.

A sociabilidade capitalista, portanto, rege-se pela lógica da acumulação, concentração e centralização de capital, cujo ponto de partida foi a acumulação primitiva^{iv}, voltada à busca incessante pelo lucro, o que implica na exploração do trabalhador e, por conseguinte, na precarização de suas condições existenciais, uma vez que:

No interior do sistema capitalista, todos os métodos para aumentar a força produtiva social do trabalho aplicam-se à custa do trabalhador individual; todos os meios para o desenvolvimento da produção se convertem em meios de dominação e exploração do produtor, mutilam o trabalhador, fazendo dele um ser parcial, degradam-no à condição de um apêndice da máquina, aniquilam o conteúdo de seu trabalho ao transformá-lo num suplício, alienam ao trabalhador as potências espirituais do processo de trabalho na mesma medida em que a tal processo se incorpora a ciência como potência autônoma, desfiguram as condições nas quais ele trabalha, submetem-no, durante o processo de trabalho, ao despotismo mais mesquinho e odioso, transformam seu tempo de vida em tempo de trabalho [...]. Mas todos os métodos de produção do mais-valor são, ao mesmo tempo, métodos de acumulação, e toda expansão da acumulação se torna, em contrapartida, um meio para o desenvolvimento desses métodos. Segue-se, portanto, que à medida que o capital é acumulado, a situação do trabalhador, seja sua remuneração alta ou baixa, tem de piorar (MARX, 2013, p. 720-721).

Nesse sentido, em Marx (1983), a alienação do trabalho está na base do processo de valorização do capital e se expressa como desefetivação ou

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



exteriorização do trabalhador, uma vez que este se relaciona com o que produz como um objeto alheio, que satisfaz as necessidades de outrem.

E, nesse processo de subsunção do trabalho ao capital, tanto formal quanto real^v, coexistem diferentes formas de extração do mais-valor. Marx (2017) distingue a mais-valia absoluta, caracterizada pela expansão da jornada de trabalho, sem aumento do salário, da mais-valia relativa, alcançada pelas melhorias tecnológicas e técnico-organizacionais que contribuem para o aumento da produtividade do trabalho.

De acordo com Mattos (2014), a subsunção formal ao capital está associada à mais-valia absoluta remetida ao processo inicial de subordinação direta ao capital, manifesta pelo controle do tempo e condições de trabalho dos trabalhadores, reduzidos a proletários, base para a etapa posterior: a da subsunção real, associada à mais-valia relativa e materializada pelo poder da ciência e da maquinaria aplicadas à produção, o que garante elevado potencial de exploração.

Destaca-se que, nos períodos de crise^{vi}, o sistema capitalista impõe uma série de estratégias voltadas à ampliação e intensificação da lei do valor, acirrando tal subsunção e, conseqüentemente, a precarização dos trabalhadores. Esse processo assume feições particulares no âmbito do capitalismo dependente e periférico brasileiro, impondo um processo de superexploração da força de trabalho, sua marca fundante (OLIVEIRA, SOARES, 2020), e aprofundando as desigualdades sociais.

Na Amazônia, a intensa expropriação e pauperização dos trabalhadores estão associadas à sua forma peculiar de inserção na divisão internacional do trabalho, que a transformou em fronteira de acumulação do capital por meio da efetiva ação do Estado brasileiro, desencadeando a apropriação privada e predatória dos recursos naturais e a desestruturação das condições de vida da população local.

Nesta perspectiva, esse artigo objetiva analisar a precarização do trabalho em sua construção histórica, notadamente, as particularidades desse processo na Amazônia, o trabalho organiza-se a partir de 04 (quatro itens), a saber: Introdução, faces da precarização do trabalho em duas partes, a precarização do trabalho na Amazônia, conclusão, além das referências bibliográficas. Neste sentido, inicia-se com

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

a exposição acerca da precarização do trabalho como traço estrutural do capitalismo, enfatiza-se que esse fenômeno aparece de variadas formas, a depender do estágio de acumulação desse modo de produção, encerrando com uma tipologia da precarização baseada na realidade brasileira. Em seguida, apresenta-se as particularidades da precarização do trabalho na realidade amazônica, a partir de uma análise de totalidade da realidade social, que revela a forma de inserção subordinada e dependente dessa região na divisão internacional do trabalho, assim como expõe os indicadores sociais consequentes a esse processo predatório de exploração e expropriação da natureza e dos trabalhadores.

2 FACES DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

A precarização do trabalho é um traço estrutural do modo de produção capitalista, que se revela desde seus primórdios, mas que se intensifica na história mais recente, à medida em que, para recuperar suas taxas de lucro nos períodos de crise, o capital cria estratégias cada vez mais eficazes de exploração do trabalho, base de seu processo de acumulação.

No século XVIII, no contexto da revolução industrial, com o surgimento dos novos centros urbanos e a necessidade de sustentar os meios de produção fabril que substituíram as atividades econômicas artesanais, utilizou-se o trabalho de homens, mulheres e crianças com extensas, penosas e insalubres jornadas de trabalho e para garantir o mínimo de subsistência, como alimentação e moradia.

No século XX, com a reestruturação do capital e as consequentes mudanças no mundo do trabalho, sobre binômio taylorista/fordista, efetivou-se a produção em grande escala de mercadorias. Segundo Antunes (2009), “o taylorismo/ fordismo realizava uma expropriação intensificada do operário-massa, destituindo-o de qualquer participação na organização do processo de trabalho”, baseado em uma atividade repetitiva e desprovida de sentido (p. 43).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A partir dos anos 1970, por sua vez, visando abrandar os custos de sua reprodução para sobreviver no sistema competitivo internacional, o capital efetiva uma série de estratégias, no bojo do processo de globalização, com um aumento de tarefas de baixo custo, assim como com o deslocamento de empresas para locais periféricos, onde era possível encontrar baixos salários, empregos flexíveis e desproteção trabalhista.

No bojo do modelo de acumulação flexível, da empresa enxuta, dos programas de qualidade total e das técnicas japonesas de gestão, Antunes (2004, 2011) ressalta que, com um programa coerente com os projetos do capital financeiro e do ideário neoliberal, o capital implementou um processo de reestruturação produtiva cujas consequências foram: a ampliação da flexibilização, da informalidade e da precarização da classe trabalhadora

Neste contexto, milhares de homens e mulheres que dependem do trabalho para sobreviver e sustentam suas famílias por meio do labor passam a vivenciar a insegurança e a instabilidade inerentes a tal modelo, ou seja, a classe-que-vive-do trabalho é explorada ou não tem trabalho (IDEM).

Com efeito, no bojo do capitalismo flexível, a precarização social do trabalho é elemento central; essa fase de acumulação cria uma nova condição de vulnerabilidade social, haja vista que modifica as condições do assalariamento (estável) anteriormente hegemônico no período da chamada sociedade salarial ou fordista (DRUCK, 2011).

Segundo Antunes (2011), atualmente, combinam-se modalidades de precarização da fase da flexibilização do Toyotismo e seus traços de continuidade/descontinuidade em relação ao modo de produção fordista-taylorista.

Como se vê, a precarização do trabalho está na essência do capitalismo; no entanto, importa destacar que, conforme aponta Druck (2011, p. 37), ela “é um novo e velho fenômeno, é diferente e igual, é passado e presente, um fenômeno de caráter macro e micro social”. A autora faz uma reflexão sobre o atual momento histórico para

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



apresentar uma tipologia da precarização, estabelecida com base no agrupamento de alguns indicadores sociais, relacionados à realidade brasileira.

Assim, Druck (IDEM) frisa que existem seis tipos de precarização do trabalho: o primeiro é a vulnerabilidade das formas de inserção e desigualdades sociais, a qual revela um alto índice de precarização marcado pela falta de proteção social, pela exclusão de direitos sociais básicos do trabalhador assalariado brasileiro. Nesse sentido, o Brasil revela uma realidade trabalhista distante dos indicadores de trabalho decente definidos pela Organização Internacional do Trabalho - OIT.

O segundo tipo de precarização refere-se à intensificação do trabalho e à terceirização, refletidas na imposição de metas inalcançáveis e na polivalência, nas extensas jornadas de trabalho, no trabalho terceirizado e, com ele, na discriminação, no abuso de poder através do assédio moral.

O terceiro diz respeito às condições de segurança e saúde no trabalho, a informações sobre os riscos no trabalho, medidas preventivas e coletivas, cujo indicador mais utilizado é o número de acidentes de trabalho no país. O texto de Druck (2011) informa, ainda, sobre os estudos microssociais em organizações, no campo da saúde mental relacionado ao trabalho, da “psicopatologia da precarização”, resultado da violência no trabalho, imposições e cobranças, o que tem produzido um cenário de adoecimento mental.

No que tange ao quarto tipo de precarização social, trata-se da perda das identidades individual e coletiva, cujas raízes estão na ameaça constante de perda de vínculo, na descartabilidade, na desvalorização e na exclusão, o que afeta a solidariedade de classe e inflete na perda da identidade coletiva.

O quinto tipo exposto pela autora (IDEM), por sua vez, faz alusão à fragilização da organização dos trabalhadores. É identificado através das dificuldades de organização sindical laboral, devido à concorrência dos próprios trabalhadores, implicando na pulverização dos sindicatos, criada pela terceirização.

Por fim, o sexto tipo de precarização social do trabalho tratado no texto refere-se à condenação e ao descarte do Direito do Trabalho, à chamada “crise do direito

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



do trabalho”, às formas de desregulamentação do Estado, ao ataque às leis trabalhistas e sociais que são condenadas pelos princípios da defesa da flexibilização, fortalecidos pelos tempos de globalização. Assim, Druck (2011) apresenta um triste e preocupante retrato da precarização do trabalho no Brasil contemporâneo.

Com efeito, a realidade brasileira, no bojo das políticas neoliberais, é de flexibilização do trabalho somada à desproteção do Estado e à fragilidade sindical. O aumento do desemprego, em interface com a perda dos direitos e baixos salários, são características que afetam profundamente a atual classe trabalhadora (ANTUNES, 2008). Com isso, fortalece-se o interesse do capital financeiro e o trabalhador torna-se cada vez mais vulnerável, dada a intensa degradação de suas condições materiais de vida e de trabalho, o que assume particularidades na realidade amazônica.

3 A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA AMAZÔNIA

O debate da precarização do trabalho na Amazônia perpassa pela compreensão da totalidade social que envolve tal fenômeno, pois vincula-se e é parte constituinte das transformações no âmbito do Modo de Produção Capitalista, desde o contexto de “acumulação primitiva” e, sobretudo, a partir dos finais dos anos 60 do século XX, período de crise do capital, ocasionando mudanças que adensam as desigualdades sociais, sobretudo, em países que não vivenciaram o “Estado Social” dos países desenvolvidos^{vii}. O processo de vinculação da Amazônia às economias capitalistas ocorre no final do século XIX, de acordo com Leal (1993, p. 01), essa inserção ocorre de forma subordinada e,

cujo início coincide com a vinculação subordinada do Brasil à Inglaterra, por força da existência de uma independência política formal, mas uma subordinação econômica de facto”. A consolidação desse processo ocorre no contexto de redivisão internacional do trabalho (pós 2ª Guerra Mundial), consolidando-se no pós golpe civil-militar de 1964. O mesmo autor destaca “com a inclusão do Brasil a esse processo, desenvolvem-se condições que facilitam o acesso à ocupação da Amazônia e à exploração dos seus recursos pelo Capital, agora em circunstâncias completamente diferentes. Em ordem cronológica essas condições foram: a ligação rodoviária da

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Região com o Centro-Sul, através da Belém-Brasília, e a mudança do regime político ocorrida com o golpe militar de 1964, que atendia às aspirações da burguesia internacional e da burguesia nacional associada, no sentido de ampliar espaço à ação do projeto capitalista do Imperialismo, no pós-guerra, sobre os países da industrialização subdesenvolvida e retardatária, como era o caso brasileiro” (LEAL, 1993, p. 32).

Neste sentido, as respostas operadas para o enfrentamento da crise do capital, naquele período, impactam o Brasil, particularmente a Amazônia. Ressalta-se que a história da região é marcada pelo processo de exploração e expropriação, da natureza e do homem, impondo a lógica do assalariamento, Nascimento (2012, p. 172-173) expõe que:

Além das contradições inerentes ao modo de produção capitalista, que (re) produz a desigualdade social, na particularidade amazônica, se destacam, ainda, um record de violência dos conflitos pela posse da terra (inclusive com o assassinato seletivo de lideranças sindicais), uma expropriação dos grupos indígenas e das comunidades tradicionais (ribeirinhos, pequenos trabalhadores rurais, quilombolas), um explosivo adensamento dos centros urbanos (com elevado grau de precarização das condições de vida, de degradação dos ambientes naturais e de segregação socioespacial dos trabalhadores), uma recorrente agressão ao meio ambiente (com novos processos, como a monocultura da soja, que se somam aos processos de extração mineral, pecuária intensiva, extração madeireira, hidrelétricas, a presença do trabalho análogo à escravidão.

Trata-se de uma região com uma das maiores reservas de minério do mundo, com uma riqueza imensurável, mas que no processo de acumulação do capital produz e reproduz violência e violação de direitos.

Teixeira (2008, p. 145) afirma que esse processo de expropriação dos meios de sobrevivência, e sobretudo do modo de vida, “extrai todo o alicerce onde se assenta a segurança dessas famílias e joga esses diversificados grupos na vala comum dos desvalidos, muitos dos quais vão engrossar o contingente urbano das periferias das sedes municipais”. Marx (2017, p. 719-720) afirma que:

Quanto maiores forem a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e o vigor de seu crescimento e, portanto, também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior será o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, maior será a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do martírio de seu trabalho. Por fim, quanto maior forem as camadas lazarentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, maior será o pauperismo oficial. Essa é a geral, absoluta, da acumulação capitalista.

Registra-se que a Amazônia brasileira abrange “toda a região norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Tocantins, Rondônia e Roraima), o estado de Mato Grosso, no Centro-Oeste e parte do Maranhão, no Nordeste” (NASCIMENTO, 2012, p. 04). Ressalta-se que essa região é diversa e complexa, com características particulares e singulares, mas que expressam a universalidade dos processos sociais.

Nesta perspectiva, a expropriação dos meios de produção e reprodução da população amazônida, situa-se no âmbito da lógica do MPC, assim, a contradição fundante, capital/trabalho, expressa-se no cotidiano, por meio da fome, do desemprego, dos conflitos agrários.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a região norte “registrou as maiores taxas de informalidade, acima da média nacional [...] os maiores percentuais entre eles foram registrados por Pará (59,6%), Amazonas (57,2%) e Maranhão (56,5%)”; com relação a taxa de desocupação, a região norte está acima da média nacional, com 9,1% de pessoas desempregadas (IBGE, 2023).

Esses dados demonstram as expressões da “questão social” na região. Outro dado importante, refere-se aos indicadores de insegurança alimentar, os quais demonstram que a região Norte se encontra entre as com maiores índices. (REDE PENSSAN, 2021). Salienta-se que a idade das múltiplas determinações dos fenômenos sociais, pois se insere e é impactada pela lógica do capital. Neste sentido, cita-se o processo migratório, em sua maioria de pessoas oriundas da Venezuela para a região, principalmente para os estados do Amazonas, Pará e Roraima.

Segundo Oliveira, Cavalcanti e Macedo (2021, p. 07), 70% dos registros migratórios são de pessoas da Venezuela e do Haiti; no ano de 2020, a “cidade de Manaus/AM (12,6 mil), ocupou o segundo posto como lugar de residência dos imigrantes [...] Boa Vista, com 138 mil imigrantes, permaneceu na primeira posição”.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

No período analisado, esses solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado entraram com seus pedidos, em maior medida, no estado de Roraima, que recebeu (81,6%) das solicitações, à frente de São Paulo (9,7%) e Mato Grosso do Sul (3,5%). Consequentemente, as principais cidades de ingresso desses coletivos foram Pacaraima/RR, Bonfim/RR, seguidas por São Paulo/SP, Guarulhos/SP, Corumbá/MS e Boa Vista/RR (OLIVEIRA, CAVALCANTI, MACEDO, 2021, p. 07).

Assim, verifica-se que o processo citado acima adensa as desigualdades sociais, exigindo do Estado, políticas públicas e sociais para amenizar as expressões da “questão social” que se produz e reproduz na região. Segundo dados da ONU Migração, “83% da população ocupada está alocada em atividades no setor informal [...] 54% recebiam benefícios sociais no momento da realização da pesquisa. Dessas, 81% recebiam o Auxílio Emergencial ou Bolsa Família”^{viii}.

Cita-se a questão indígena na região, pois esse modelo de desenvolvimento expropria comunidades indígenas de suas terras, além da ação direta do Estado Capitalista, por meio de grandes projetos minero-metalúrgicos, hidrelétricas, o avanço da fronteira da soja, soma-se ainda o garimpo ilegal. Destaca-se, ainda, o genocídio contemporâneo dos povos indígenas, como por exemplo a crise humanitária dos Yanomamis, em virtude da ação do garimpo.

A Amazônia^{ix} tem sido, historicamente, fonte de matérias primas fundamentais para a acumulação capitalista, assim a exploração e expropriação é a tônica do processo de desenvolvimento da região. Leal (1993, p. 47) expõe que:

A Amazônia sempre será objeto de saque. Os seus recursos naturais sempre estarão a serviço da redução dos custos do capital, nas fronteiras desenvolvidas da sociedade capitalista, para atender o Lucro, motor da acumulação. E sendo assim, não pode haver proposta, da parte do Capitalismo, para um futuro íntegro da Amazônia.

Nesta perspectiva, discutir a precarização do trabalho na região, requer compreender a inserção subordinada do Brasil na divisão internacional do trabalho, apreender o fenômeno em suas múltiplas determinações. Assim, o processo de expropriação da Amazônia pelo capital expressa o caráter predatório do Modo de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Produção Capitalista, o qual avança para todas as fronteiras do mundo, com vistas à acumulação, à apropriação privada da riqueza socialmente produzida, cuja consequência mais perversa é a exploração e a expropriação e, conseqüentemente, sua precarização existencial.

Portanto, o modelo de desenvolvimento adotado pelo Estado Capitalista não considera o conjunto de trabalhadores que vivem nessas terras, pois suas diretrizes objetivam essencialmente a acumulação do capital, e não são, por sua vez, acompanhadas de políticas públicas e sociais.

4 CONCLUSÃO

A teoria do valor trabalho e a lei geral da acumulação capitalista tiram a penumbra do processo de produção e reprodução capitalista, revelando que a precarização social é uma marca indelével desse modo de produção, o qual, ao mesmo tempo em que gera e aumenta a riqueza social, cria uma massa de miseráveis cujas condições de vida de vida e de trabalho assume proporções cada vez mais degradadas, especialmente na atual quadra histórica, marcada pela acumulação flexível, e na particularidade da região amazônica.

As diversas faces da precarização se manifestam desde a fase da acumulação primitiva que criou as bases do assalariamento, expropriando os trabalhadores de suas terras e dos seus meios de produção, até a fase mais contemporânea, na qual se evidencia de forma mais brutal, porque flexibiliza os processos e relações de trabalho com toda intensidade e, inclusive, o próprio emprego, produzindo a insegurança e instabilidade para aqueles que só dispõem de sua força de trabalho para sobreviver.

Na Amazônia, sua forma peculiar de inserção na divisão internacional do trabalho, dependente e subordinada, produz um profundo saque das riquezas naturais e um acirrado processo de expropriação da terra e exploração dos trabalhadores na região, adensando as desigualdades sociais expressas em

PROMOÇÃO



APOIO





indicadores como: elevadas taxas de informalidade e desocupação, migração, fome, na questão indígena, no garimpo ilegal, as quais não são acompanhadas de uma resposta eficaz do Estado, dada a ausência de políticas sociais.

Por isso e, apesar disso, a Amazônia se faz conhecer, muitas vezes, como uma região de conflitos, dada a histórica resistência e luta de seus trabalhadores pela terra, pela moradia, pela vida na floresta, enfim, pela sobrevivência.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaios sobre as metarmofoses e a centralidade do mundo do trabalho. 13ª edição. São Paulo, Editora Cortez, 2008.

_____. **Os sentidos do trabalho:** ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho 2ª edição São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. Os modos de ser da informalidade: rumos a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 107, p. 405-419, _____, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/3JD9n46H3Dhn7BYbZ3wzC7t>. Acesso em: 16 jun 2023.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 37, p. 335-351, _____, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/FSqZN7YDckXnYwfqSWqgGPp/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago 2019.

ARAÚJO, Rosana Melo; MORAIS, Kátia Regina Santos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. Vol 20, nº 1 São Paulo Jan/Jun.2017.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

DRUCK, Graça. **Trabalho, precarização e resistência: novos e velhos desafios?** Cadernos CRH, Salvador, v. 24, n. 01, p. 37-57, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/qvTGPNcmnSfHYJjH4RXLN3r/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 jun 2023.

LEAL, Aluizio Lins. **Uma sinopse histórica da Amazônia (uma visão política)**. São Paulo: 1991. (mimeo)

MANDEL, Ernest. **A crise do capital: Os fatos e a sua interpretação marxista**. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Livro 1. 12 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994. V. I e II.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. Trad. Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2008.

_____. **O Capital. Crítica da economia política**, Livro I, O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **O capital. Crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

NASCIMENTO, Nádia Socorro Fialho. **A Questão Agrária, Urbana e Ambiental na Amazônia Brasileira: notas para o debate**. Temporalis, Brasília (DF), ano 12, n. 24, p. 171-189, jul./dez. 2012.

NASCIMENTO, Nádia Socorro Fialho. **Amazônia e Desenvolvimento Capitalista: a centralidade da região para a acumulação de capital e a produção de expressões da “questão social”**. **Revista Política Públicas**. v. 14. 2010.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

OLIVEIRA, T; CAVALCANTI, L; MACEDO, M. **Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2020**. Observatório das Migrações Internacionais. Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento de Migrações. DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/>

ⁱ Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (PPGSS/UFPA). Assistente social do Tribunal Regional Eleitoral do Pará (TRE-PARÁ). E-mail: fernandamoura315@gmail.com.

ⁱⁱ Mestranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (PPGSS/UFPA). Assistente social da Secretaria Municipal de Educação de Belém. E-mail: asslucietalmeida@gmail.com.

ⁱⁱⁱ Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (PPGSS/UFPA). Docente do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Roraima. E-mail: rita.santos@uerr.edu.br.

^{iv} Refere-se à gênese histórica do modo de produção capitalista, marcada por um violento processo de expropriação da produção familiar, camponesa, artesanal e corporativa, ocasionada pela separação do produtor direto dos seus meios de produção, formando, de um lado, enormes massas de indigentes e desocupados livre e disponível para ser comprada, o proletariado; e, de outro, incidindo na exploração das colônias ultramarinas (saques, tráfico de escravos, especulação (MARX, 2013).

^v A subsunção formal do trabalho ao capital tem como pressuposto a disjunção do produtor direto dos meios de produção e a sua transformação em trabalhador assalariado. Já a subsunção real do trabalho ao capital ocorre com o desenvolvimento das forças produtivas pelo consequente avanço tecnológico e incremento da maquinaria e ciência no modo de produção capitalista.

^{vi} Mandel (1990, p. 412) expõe que o padrão normal da produção capitalista envolve períodos sucessivos de ascensão, boom, superaquecimento, crise e depressão industriais". Destarte, as crises são "o modo natural de existência do capital", correspondendo a "maneiras de [o sistema] progredir para além de suas barreiras imediatas e, desse modo, estender com dinamismo cruel sua esfera de operação e dominação" (MÉSZAROS, 2011, p. 795).

^{vii} Ver: BEHRING, Elaine Rosseti. BOSBHETTI, Ivanete. Políticas Sociais: fundamentos e história. 2 ed. São Paulo. Cortez, 2007. (Biblioteca básica do serviço Social Vol.2); ARRETCHE, Marta T. S. Emergência e desenvolvimento do Welfare State: teorias explicativas. In: Revista BIB nº 39. Rio de Janeiro, set, 1995.

^{viii} Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/oim-e-mds-divulgam-resultados-da-matriz-de-monitoramento-realizada-em-todos-os-municipios-de-roraima>. Acesso em 12.06.2023.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



^{ix} Nascimento (2012, p. 04) expõe que a “Amazônia não é exclusivamente brasileira, é Latino - Americana. Sua área geográfica abrange, além do Brasil, mais 08 (oito) países: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, República da Guiana, Suriname e Guiana Francesa”.

PROMOÇÃO



APOIO

